

A MULHER COMO PRODUTO DE SATISFAÇÃO MASCULINA NA PORNOGRAFIA: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-SOCIAL

Mayara Gato de Sena Biá¹
Layâna Maria Araújo Machado²
Rafaela Azevedo Guerreiro³
Eloisa Amorim de Barros⁴

RESUMO

O presente artigo, tem como proposta apresentar a percepção da sociedade brasileira sobre o que é “ser mulher”, e sobre como esses estereótipos são reproduzidos nas mídias pornográficas. Além disso, é realizada uma construção histórico-social do pornô, englobando a era das revistas e fotografias, o avanço tecnológico com o cinema, o VHS, o DVD e, mais atualmente, a internet, podendo perceber o feminino sendo colocado nas mídias sempre de forma submissa e extremamente estereotipada. Fala-se, também, das vertentes feministas que apoiam e reprovam a indústria pornográfica e como estas se posicionam com o fato de mulheres serem colocadas como produto comercializado para homens.

Palavras-chave: Pornografia, mulher, estereótipos, feminismo, homens.

INTRODUÇÃO

A indústria pornográfica transforma a excitação sexual em seu fator de renda, buscando obter lucro através do erotismo, fetichismo, obscenidades, etc., sendo “[...] comumente considerada como aquilo que transforma o sexo em produto de consumo” (JUNIOR, 2006, p. 15). Esta, por sua vez, produz conteúdos sexuais que disseminam estereótipos, nos quais o papel de sujeito está direcionado ao homem, enquanto a mulher é tida como objeto sexual. Sendo assim, é comum nos vídeos pornográficos nos depararmos com a submissão feminina sendo fetichizada, e a mulher sendo vendida como produto usado apenas para a satisfação dos desejos masculinos, descreve D'Abreu (2013).

¹ Graduanda pelo Curso de Psicologia do Instituto Esperança de Ensino Superior - IESPES, mayarabaaa@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicologia do Instituto Esperança de Ensino Superior - IESPES, layyanamachado@gmail.com;

³ Graduanda pelo Curso de Psicologia do Instituto Esperança de Ensino Superior - IESPES, azevedoguerreirorafaela@gmail.com;

⁴ Professora orientadora: Mestra em sociedade, ambiente e qualidade de vida, Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA, eamorimdebarros@gmail.com.

Assim, esse mercado ao ser construído a partir de um reflexo sociocultural, define estereótipos que influenciam na constante inferiorização e sexualização da mulher na indústria pornográfica. Deste modo, relata Santana (2016, p. 67) “[..] os atos de dominação sexual constituem o significado social do ‘homem’, e a condição de submissão do significado social da ‘mulher’”. Dessa forma perpetuam-se papéis sociais que estabelecem essa espécie de ciclo vicioso entre sociedade e pornografia, pois essa segunda legaliza os desejos e uma domesticação dos corpos talvez nunca encontrada antes pela primeira, segundo Júnior (2006).

Do mesmo modo, essa indústria alcança altos faturamentos e uma visibilidade significativa. Como descreve Júnior (2006), a milionária indústria pornográfica vem passando por uma evolução no que diz respeito a tecnologia. Atualmente, com os avanços da internet e a criação de sites voltados para o pornô, o mercado cresce alcançando valores bilionários e segue perdurando conteúdos machistas. Logo, destaca-se o quanto a pornografia — desde o seu surgimento —, ainda fabrica estes mesmos conteúdos, destinados a agradar exclusivamente o público masculino.

Contudo, após séculos de silenciamento das mulheres, atualmente a indústria pornográfica causa debates e divergências dentro das vertentes do movimento feminista. Pois, parte das mulheres envolvidas no feminismo são “pró-censura” e acreditam que a indústria pornô explora mulheres e objetifica seus corpos, reprime-as e as transforma em produto, afinal, “[...] formas de pornografia misógina são acusadas de causar danos físicos às mulheres e de diminuir-lhes as oportunidades, liberdades e direitos” (SILVA, 2013, p. 157). Em contrapartida, as feministas “pró-sexo”, apoiam um novo conceito de pornografia que, no entanto, não seja focado no pornô “mainstream” — direcionado ao protagonismo do homem branco, hétero — sua diferenciação com o mainstream acontece pois, busca dar mais visibilidade para diferentes tipos corporais, de genitais, de identidades e de práticas sexuais, ou seja, divergem dos padrões impostos pela sociedade, aponta Santana (2016).

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, descritiva e exploratória. E, se apoia principalmente nos trabalhos dos seguintes autores: Jorge Leite Júnior em “Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia" bizarra" como entretenimento”;

O QUE É “SER MULHER” NO BRASIL?

O senso comum dita o que é ser mulher. Regrando comportamentos, sexualidade, feminilidade, aparência, e etc. Logo, a mulher está em generalização de traços e percepções, principalmente pelo conceito do que é ser bela, tendo grande influência desde a antiguidade, como dito por Goellner (1999, p. 40) “[...] a estética clássica simbolizada pela perfeição corporal atribuída às estátuas gregas, depois a estética dos modernos meios de produção e reprodução de imagens e informações, sobretudo, a fotografia e o cinema”. Tendo em vista que, essa imagem é construída por homens.

Esses e outros estereótipos começaram a ser implantados no Brasil, com a colonização portuguesa, a partir da chegada dos europeus neste território. As mulheres indígenas tiveram seus corpos objetificados pelos homens brancos, que se intitularam donos das terras e de seus habitantes. Mesmo com os povos indígenas habitando o local, os estrangeiros impuseram sua cultura e visão de mundo sob aquela comunidade. Os colonizadores, ao encontrarem as indígenas despidas, por relevância da cultura local, enxergavam uma espécie de autorização, que os levaram a praticar atos extremamente violentos de estupro, como apontam Neves e Kauss (2011). Assim, violando seus corpos, e dando início ao processo de miscigenação brasileira, por meio de abusos sexuais.

Essa miscigenação forçada e violenta perpetuou-se com a chegada dos africanos que foram escravizados no Brasil. Classificadas pela cor, a mulher branca tinha o papel de dona de casa, reprodutora e serva do marido, de outro lado havia a mulher negra, colocada em condição de escrava, prostituta, constantemente abusada pelos senhorios e trocada feito mercadoria. Lopes (2007, p. 4) diz que “[...] a mulher escrava era objeto sexual, ama de leite dos filhos da senhora, empregada doméstica, gerando o ditado: Mulher negra é para trabalhar, mulata para fornicar e branca para casar.”

Igualmente, o casamento também recebia e recebe grande influência pelo meio religioso — o qual detém domínio considerável sobre sociedade e sexualidade —, no Estado brasileiro, principalmente por parte da igreja católica. O cristianismo chegou ao Brasil em meados do século XVI, e impôs, a partir de uma visão medieval, um comportamento rígido que desaprovava as práticas sociais e sexuais nativas dos

indígenas, aponta Silva (2008). Sendo assim, a igreja pregou a ideia de que a castidade feminina remetia à pureza — privando mulheres de exercerem práticas sexuais — e caso as fizessem, atribuíam-nas ao pecado. No entanto, em contradição, Marzochi (2003) destaca que a mulher na antiguidade era considerada símbolo de desejo sexual. E esta ideia ainda permanece na atualidade, sendo assim, desde crianças as mulheres já atraem olhares hiperssexualizados.

Estes pensamentos que reforçam a hiperssexualização feminina são preocupantes, pois, conseqüentemente, as meninas assumem uma condição de objetos sexuais, segundo Teixeira (2015). Somando isso às imposições religiosas, podemos observar uma problemática ainda maior. Pois, existe uma hierarquia católica masculina, que dita regras para as mulheres, assim perpetuando a desigualdade de gênero, aponta Scavone (2008). Desta forma, o homem possuía o papel dominante nas relações – conjugais, paternas, trabalhistas – enquanto o papel da mulher era voltado unicamente para a subordinação, assim se constitui o patriarcado.

Dito isso, observamos o quanto a figura feminina foi, e é estabelecida como “objeto de serviço” caseiro e sexual durante todo o contexto histórico-social brasileiro. Voltada unicamente à uma vida doméstica e erótica, ambas determinadas por homens que delimitam como estas mulheres devem ser, se comportar, agir, falar, entre outros. Estes personificam cada detalhe e também criam preferências de biotipos corporais. Lopes (2007, p. 1) explica isso ao dizer que “Numa realidade em que o homem detém o poder do pensamento e da palavra, tais reflexões trataram sempre do corpo “da outra” pessoa, espaço do deleite e do pecado, da virtude e da transgressão e nunca do próprio corpo dos pensadores masculinos.”.

No entanto, toda essa trajetória de subordinação gerou efeito de encorajamento e luta constante para milhares de mulheres pelo Brasil, em busca de representatividade, equidade e igualdade social. Pois, vivemos em uma sociedade machista. Sendo que, machismo significa, segundo o dicionário Dicio (2009) “Opinião ou atitudes que discriminam ou recusam a ideia de igualdade dos direitos entre homens e mulheres.”, e a cultura brasileira está compenetrada nesse patriarcalismo sistêmico desde o período colonial. Sendo assim, não há exagero nenhum em dizer que o Brasil é um país machista, na forma mais brutal de dominação masculina, descrevem Venturi e Godinho (2013).



DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA

Compreendemos que o ser humano está diretamente ligado aos avanços tecnológicos, e assim se adapta aos fáceis acessos que lhe são disponibilizados no decorrer do tempo. Dito isso, a pornografia foi se adaptando às diversas realidades sociais, se “aprimorando”. No entanto, assim como avançamos, também permanecemos no conservadorismo, como destacam Venturi e Godinho (2013), pois, neste mercado a mulher permanece sendo posta de maneira inferiorizada, como uma mercadoria sexual de submissão, e ainda, estereotipada a partir de uma visão eurocêntrica.

Tendo em vista que, o Brasil recebe influências estrangeiras, Azevedo e Junior (2017, p. 144) afirmam que “[...] precisamos recorrer a um contexto ocidental mais amplo que trate de jornais e livros pornográficos europeus, uma vez que há uma clara influência destes na composição dos impressos brasileiros”. Logo, com o avanço da globalização e a introdução à literatura, os perfis femininos apresentados nas revistas pornôns brasileiras remetiam à mulheres brancas, loiras e de olhos claros .

Por conseguinte, com o final do século XX ocorre o surgimento da internet e o pornô entra no mercado virtual. Atualmente, através dos avanços nas redes, o envolvimento com as mídias sociais, se bem administrado, é seguido por popularidade e visualizações, resultando em lucro. Assim se sucedeu com a pornografia sendo voltada para a internet, relata Nunes (2014, p. 1) “Exercendo tal papel o pornô, naturalmente acaba por se tornar um produto [...]”.

Fotografia e Revistas

No Brasil, no contexto original, pornografia significava “histórias de prostitutas” ressalta Mendes (2016), no entanto, no final do século XIX surgem os impressos com representações sexuais, e então o nome “pornografia” passou a ser popularizado. Outrossim, as livrarias da época intitulavam-os em seus anúncios nomeando-os “livros para homens”.

Ademais, no Brasil, o jornal O Rio Nu era publicado bissemanalmente, entre os anos de 1898 e 1916. Os autores Azevedo e Júnior (2017, p. 145) relatam que “o jornal era composto por quatro páginas, sem imagens, mas com textos voltados para o humor



por meio da pornografia”. Visto que, havia uma variedade de conteúdos, que partia de contos eróticos, poemas a um modo sarcástico de dar as notícias, como nas categorias de jogos, loteria, críticas, e etc. Como apontado, mais uma vez, por Azevedo e Júnior (2017), os jornais estavam sendo produzidos em meio à um teor pornográfico e humorístico.

Por conseguinte, a partir da segunda metade do século XX, surgem revistas pornô de sucesso no Brasil, como: revista “*Fairplay: a revista do homem*” em 1966; a revista “*Playboy*” – uma das mais populares na indústria erótica – em 1975; e também em 1975 eclode “*A revista do homem*” Giordano (2012). Observa-se que mesmo com essa passagem de praticamente um século, o conceito pornográfico pouco mudou, pois, segue reconhecido como entretenimento voltado unicamente para homens. Desta forma, as revistas “[...] representam mulheres fetichizadas, produzidas por fotógrafos homens, e, muitas vezes, destinadas ao público masculino.” de acordo com (BOTTI, 2003, p. 111). Demonstrando assim, que a visão de “mulher ideal” passada para a sociedade através da pornografia, é atribuída inteiramente para agradar os homens.

Logo, não é apenas o conteúdo pornográfico que delimita essa visão patriarcal, pois muitas revistas voltadas ao sexo feminino também publicavam conteúdos machistas. Assim, podemos observar essa propagação do machismo através da revista “*EleEla - uma revista para ler a dois*” com sede no Rio de Janeiro e publicada pela Bloch, do ano de 1969. Visto que, quando esta passou a ter mais conteúdos voltados às mulheres, começaram a aparecer manchetes de teor conservador, como: “Até que ponto posso ficar nua” e “O fino da conquista”. Com isso, como descrito por Júnior (2006), conclui-se que, quando a indústria passa a se introduzir no mercado abertamente, expande seu produto, e ao ser aceita, reforça as influências midiáticas a lhe seguirem, fortalecendo um senso comum arcaico.

Cinema, VHS, DVD, Internet.

A partir da era da globalização e o crescimento acelerado da tecnologia no século XX, há um intenso avanço tecnológico nos meios de: fotografia, cinema e televisão na década de 50; internet e meios de comunicação digitais, na década de 90. Assim ocorre uma explosão do erotismo, como descreve Marzochi (2003). Diante disso, a comercialização da pornografia aumenta e vai se aperfeiçoando, logo, acaba usando principalmente, a imagem da mulher, propagando estereótipos corporais. Desta forma, o

mercado pornográfico dissemina discriminação sexual, subordinação feminina, e também sobre essas, efeitos de silenciamento, aponta Bercht (2019).

Não se sabe onde o primeiro pornô cinematográfico foi feito, no entanto, muitos destes iniciaram sendo produzidos em Buenos Aires, em meados de 1904, relata Kämpf (2008). A partir disso, a produção foi apenas crescendo, e se expandindo cada vez mais para os cinemas do mundo, ganhando popularidade. Assim, a rotatividade do dinheiro nas linhas de produção só aumentava. Além disso, os bordéis passaram a reproduzir esses filmes, e, logo, bordéis de elite também passaram a exibi-los, segundo Kämpf (2008), o que dá início a uma grande comercialização da cultura pornográfica, nessa época, ainda mais com as classificações de faixa etária sendo implantadas.

Após isso, acontecem mais avanços tecnológicos, e nos anos de 1980 o videocassete surge. Deste modo, se tornou mais fácil para os consumidores, que podiam assistir os filmes no conforto de suas casas, segundo Kämpf (2008). Com isso, veio a evolução das câmeras, o que permitiu a produção de filmes caseiros chamados de “pornô amador”. Sendo assim, houve uma grande mudança, a autora também afirma que “Com o advento do vídeo caseiro, o status precário da narrativa no filme pornô é intensificado.” (KÄMPF, 2008, p. 52), deixando de ser um filme, e passando a ser chamado de “vídeo”, porque passa a ter um corte mais direto voltado para o sexo e não incorpora mais uma história cheia de narrativa e nudez.

Sendo assim, com a evolução tecnológica que propiciou o advento do DVD e da internet, se tornou mais fácil ter acesso aos vídeos pornográficos, relata Kämpf (2008). Assim, este se tornava, cada vez mais, restrito apenas ao sexo. No entanto, começou a se pensar que o pornô poderia ser assistido por pessoas que não fossem apenas homens héteros. Como destacam os autores Pinto, Nogueira, e Oliveira (2010) os padrões tradicionais seguidos para agradar o público heterossexual foram deixando de ser o único alvo da pornografia, assim, expandindo o mercado à possibilidades alternativas, logo, os vídeos passaram a abranger um público maior.

Logo após a evolução da internet os acessos aumentaram assim como a variedade de sites com conteúdos pornográficos. À qualquer hora, seja qual for o fetiche, a era digital permite que os desejos sejam saciados com apenas alguns “cliques”, já que, nos

Atualmente existe uma grande facilidade para que se possa encontrar uma variedade de vídeos.

E ainda, como já citado, os produtos do pornô são voltados à satisfação do homem, e com estes estereótipos sendo reproduzidos, as mulheres são postas em situação de submissão frente aos fetiches masculinos. Logo, além de colocar o ato sexual em uma condição desprezível — nos filmes e vídeos — para a mulher, quando esses fetiches passam a ser experienciados pelos consumidores, as mulheres são privadas do prazer sexual, destaca Bercht (2016). Além de que, muitas vezes, toleram tal situação para agradar os seus parceiros. O que nos remete, mais uma vez, aos estereótipos de dominação masculina e obediência feminina, imposto tanto pela pornografia, quanto pela sociedade.

FEMINISMO(S) E A PORNOGRAFIA

Como dito anteriormente, as produções dos filmes pornôs eram voltadas unicamente para os homens, assim, priorizando os seus prazeres, gostos e ideais. Como ressaltam Santana e Rubim (2017, p. 639) a “Testosterona é o combustível principal para a indústria pornográfica.”. Visto que, se vive em uma sociedade onde a voz ativa é masculina, apesar das mudanças que estão ocorrendo na sociedade, o sistema patriarcal ainda se sobrepõe em diversos espaços, assim reforçando que o local da mulher é inferiorizado e colocado diariamente em posição de “subordinação”, logo, não seria diferente no contexto da indústria pornográfica.

Visto isso, pode-se ressaltar o início de uma mobilização feminina, denominado feminismo. O feminismo, em sua prática, busca desarticular as formas tradicionais de “organização” patriarcal, tentando acabar com a desigualdade sexual e imposições e estereótipos machistas, outrossim, dentro do movimento, se estabelecem grupos com demandas específicas, chamadas vertentes feministas, as quais buscam a união feminina, equidade, sororidade e etc., destacam Alves e Pitanguy (2017).

Diante disso, Bercht (2016, p. 7) descrevem que os filmes pornográficos “[...] promoviam a objetificação da figura feminina e impulsionaram, desta forma, a violência contra a mulher em seus diversos níveis.” Deste modo, durante o século XX, lutas feministas foram ganhando espaço na sociedade e ainda tentam, com dificuldades — mas também com avanços — vencer o machismo, o sexismo e a misoginia, que estão enraizados na sociedade. Assim, passa a existir uma variedade de vertentes feministas,

uma delas apoia e produz em massa vídeos *mainstream*, os quais atingem grande popularidade na internet, chamados de “pornografia feminista”. Visto isso, tem como ponto de vista principal, destaca Santana (2016, p. 86) uma “[...] pornografia, com objetivo de abrir espaço para diferentes expressões e representações de sexualidade e desejos.”. Dando espaço para uma representatividade que antes não se encontrava nesse meio.

Porém, do outro lado, existe uma intensa luta — também feminista — que se contrapõe às normatizações do porno tradicional, o qual objetifica e explora as mulheres. As principais discussões, como apontam Santana e Rubim (2017, p. 639-70) “[...] girou em torno das formas de se alcançar a liberdade sexual da mulher e de como as práticas sexuais poderiam ser opressoras ou emancipadoras para as mulheres.”. Pois, se via uma porta aberta para o debate sobre a sexualidade, espaço para representatividade, liberdade sexual da própria mulher, entre outros. Mas a grande oposição ocorre pelo uso equivocado que se tem do produto como destacam Santana e Rubim (2017).

Sendo assim, foi formado no cenário uma produção de filmes feitos unicamente por mulheres, como cita Santana (2016) Candida Royale ao criar a “Femme Productions” teve grande destaque com a produção de filmes pornôns direcionados ao público feminino heterossexual. Visando uma forma de inclusão ativa de mulheres no contexto da pornografia. Além de trazer o benefício para as mulheres doutrinadas pelo patriarcado a liberdade para “(re)pensarem” seus desejos sexuais, assim quebrando os paradigmas impostos pela sociedade. Estas produções também foram significativas para mulheres conservadoras refletirem sobre sua sexualidade, também descreve Santana (2016).

Ademais, acaba-se formando uma nova variedade de fetiches que, novamente, agradam a massa masculina, como apontado pela mesma autora novamente, essa proposta de produzir pornografia a partir da “perspectiva feminina” retorna ao pornô tradicional, destaca Santana (2016). Já que, mais uma vez reforça os pensamentos voltados para o que é “correto” no sexo, visto que existem conceitos que devem ser seguidos para uma convivência em sociedade impostos — principalmente — por homens brancos, heteronormativos e que vivem em constante favor do sistema capitalista, descreve Júnior (2007).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante de tudo que foi escrito, consegue-se ter uma vasta reflexão sobre a grande influência que o meio pornográfico tem sobre o indivíduo. Sendo assim, pode-se observar os vários tipos de autoritarismo presente neste conteúdo, que determina como devem ser as relações sexuais e qual o padrão de feminilidade considerado ideal.

A evolução das tecnologias acontece de forma cada vez mais rápida, o universo da pornografia acompanhou esse crescimento e se encontra em grande peso nas mídias sociais, que varia de revistas a internet. Esse mundo cibernético vem apoderando-se, e apenas com pequenas palavras em uma simples pesquisa se encontra uma variedade de “opções”, e através dela encontrar o fetiche que desejar. Por um lado, existe a facilidade de se encontrar o prazer instantâneo, por outro mulher continua sendo usada unicamente para a satisfação masculina.

Assim, pode-se constatar que na contemporaneidade a população feminina continua sofrendo opressão do sistema patriarcal, o que conseqüentemente se reflete nas produções pornográficas. Na qual usam a imagem feminina de maneira estereotipada e objetificada, resultando em um tratamento desrespeitoso dos homens em relação a elas. Visto isso, os relacionamentos podem se tornar desprazerosos e causadores de danos psicológicos para as mulheres. Além de que elas, muitas das vezes, acreditam que a maneira certa de manter relações sexuais é a mostrada no pornô, desconsiderando seu próprio prazer, em busca da satisfação do parceiro.

Pôde-se observar a tentativa das criações pornográficas voltadas para mulheres, através do pornô feminista, que tentam achar um meio de se sentirem representadas em um universo machista e misógino. Entretanto, a pornografia feminista, por mais que tente produzir vídeos que mostram mais da realidade feminina, acaba comercializando corpos da mesma maneira e conseqüentemente, criando novos padrões. Assim, as próprias mulheres acabaram criando novos estereótipos de feminilidade, visto que, há uma vasta subjetividade de gostos, corpos e personalidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a partir da pesquisa realizada é possível observar a trajetória que o universo da pornografia passou até chegar na atualidade, assim é possível refletir sobre as mudanças necessárias e significativas que deveriam ocorrer dentro do cenário, por mais que seja de modo gradual e lento. Logo, se consegue ter a reflexão de como as mulheres

sofrem diversas explorações físicas e psicológicas dentro e fora desta indústria, que as transforma em “objetos” lucrativos.

Visto isso, foi de grande importância falar sobre o fato da mulher ser vendida como produto no mercado pornográfico, principalmente, por que são poucos os conteúdos disponíveis sobre essa temática. Além disso, é necessário informar mulheres, mostrar à elas que há como promover mudanças no pornô, ou mesmo pensar que este precise parar de ser produzido. Pois, apesar de pouco ser discutido abertamente sobre a pornografia, ela é consumida por uma grande parcela da população e utilizada por muitos como “educadora sexual” sobre aqueles que não detêm conhecimentos básicos em relação ao sexo. Já que em uma sociedade patriarcal, machista, misógina e sexista, dificilmente estas práticas serão reconhecidas como problemáticas para a vida das mulheres, em um meio que é voltado apenas para o prazer do público masculino.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. Brasiliense, 2017.

AZEVEDO, Natanael; JÚNIOR, José Ferreira. Pornografia e literatura: uma história pelo buraco da fechadura. **Revista Graphos**. v. 19, n. 2, p. 140-164, 2017.

BERCHT, Gabriela. **Pornografia e atos de fala: o debate entre Judith Butler e Catharine MacKinnon**. 2016.

D'ABREU, Lylla Cysne Frota. Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. **Psicologia & Sociedade**. v. 25, n. 3, p. 592-601, 2013.

GIORDANO, Verônica. Negócios, política e sexo - A revista Playboy do Brasil 1975-80. **Revista USP**. n. 95. p. 150-158, set./out./nov., 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Imperativos do ser mulher. **Motriz**. v. 5, n. 1, p. 40-42, jun. 1999.

JÚNIOR, Jorge Leite. **Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia" bizarra" como entretenimento**. 1. ed. São Paulo, FAPESP: Annablume, p. 12-292, 2006.

KÄMPF, Raquel. **Para uma estética na pornografia**. Palhoça, 2008.

MARZOCHI, De Luca Marcelo. Pornografia na internet. **Revista de Direito Administrativo.** v. 233, p. 229-243, jul./set., 2003.

MENDES, Leonardo. Livros para homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX. **Cadernos do IL.** n. 53, p. 173-191, jan., 2016.

NEVES, Kelly Cristina da Silva; KAUSS, Vera. Reflexões sobre as representações da mulher indígena na sociedade brasileira. **E-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU.** v. 2, n. 5, p. 78-90, mai./ago., 2011.

NUNES, Ébano. O Cinema Obsceno em Conflito: a história diante das fontes de pornografia e erotismo. **Cadernos do Tempo Presente.** n. 17, p. 55-60, set./out., 2014.

PINTO, Pedro; NOGUEIRA, Maria da Conceição; OLIVEIRA, João Manuel de. Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: estéticas e ideologias da sexualização. **Psicologia: reflexão e crítica.** v. 23, n. 2, p. 374-383, 2010.

SANTANA, Camilla Martins. **Da pornografia à pornoteoria: desafios e reimaginações feministas.** Brasília, 2016.

SANTANA, Léa Menezes de; RUBIM, Lindinalva da Silva. **Feminismo e pornografia: distanciamentos e aproximações possíveis.** 2017.

SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista?. **Revista Estudos Feministas.** v. 16, n. 1, p. 173-288, jan-abr., 2008.

SILVA, José Amilton da. **O olhar das religiões sobre a sexualidade.** 2008.

SILVA, Júlio César Casarin Barroso. **Liberdade de expressão, pornografia e igualdade de gênero.** v. 21, n. 1, p. 143-165, jan/abr., 2013.

TEIXEIRA, Filomena. Hipersexualização, gênero e media. **Revista Interações,** v. 11, n. 39, p. 1-9, 2015.

VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (Ed.). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços públicos e privado - Uma década de mudanças na opinião pública.** 1. ed. São Paulo, Fundação Perseu Abramo. 2013.

[MACHISMO]. In: DICIO. **Dicionário Online de Português.** Porto: 7 Graus, 2018. Disponível em: >www.dicio.com.br<. Acesso em: 15/08/2019.